



EDITORIAL

O Brasil continua a conviver com os efeitos da pandemia da Covid-19 que se alastrou pelo mundo em 2020. Em um cenário de mortes e busca frenética por tratamentos e vacinas, quando a ciência é cada vez mais necessária, a *Revista Extensio* se faz presente com esta segunda edição do ano.

Em cinco meses, o Brasil já passou dos 100 mil mortos e convive diariamente com desinformações sobre precaução, além de ataques oficiais à Universidade pública, aos cientistas e profissionais de saúde da linha de frente do combate à doença. A *Extensio*, em reação a essa realidade, reúne nesta edição uma significativa variedade de temas extensionistas. Ainda que não enfoquem a pandemia propriamente dita, falam do conhecimento produzido pelas universidades e que é levado aos brasileiros. Ou, em outras palavras, falam da ciência estendida à vida diária das comunidades.

Esforços de extensionistas em ações afirmativas e educativas contra a violência de gênero ganharam destaques nesta edição com o Projeto Faladeiras, do Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que ocupa o tópico especial. Agente propulsor de transformações sociais, o projeto leva às mulheres da periferia a oportunidade do diálogo e da expressão da própria fala, motivadas pelos crescentes casos nacionais de feminicídio. Em sintonia com ele, estão palestras com alunos do ensino médio por iniciativa do núcleo de Direito Intergeracional e Transversalidade da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). São trabalhos que, em plena pandemia, se fazem urgentes conhecer e discutir em função do aumento da violência contra a mulher registrado no país durante o isolamento social.

Os direitos dos trabalhadores surdos à segurança no ambiente de trabalho é outro tema que a *Extensio* traz a público, com o curioso projeto de sinalização em Libras no ambiente fabril, desenvolvido por extensionistas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Projetos de extensão em Odontologia voltados para saúde bucal de pacientes internados, adolescentes e crianças, também são enfocados aqui – e eles vêm de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e do Pará. Da UFSC, se destacam ainda os Programas de Educação Tutorial (PET), desenvolvido em conjunto pelos cursos de Odontologia e Fonoaudiologia, com ênfase em ações extracurriculares.

Há de se destacar as oficinas de extensionistas da UFSC que contribuem para a valorização da cultura afro, e que apresentam a crianças de comunidades carentes tecnologias de máquinas fotográficas digitais e de 360°. E ainda as ações de extensão que, no Maranhão, mapeiam a piscicultura familiar; em Pernambuco, contribuem para a gestão de Ongs; e na Bahia, investem na segurança de pacientes dentro de hospitais.

Tamanha diversidade de temas é sempre uma amostra do que a extensão pode fazer pelo país, ao se integrar com o ensino e a pesquisa na tríade que fundamenta a Universidade pública. Que o digam as políticas públicas em sua melhor acepção, que encontram na extensão universitária uma infinita fonte de ideias. Em tempos de negacionismos e ataques diários à ciência e à Universidade pública, enfatizar a diversidade e o potencial transformador da extensão não é aqui apenas um esforço de divulgação. É antes de tudo um ato político.

Florianópolis, agosto de 2020
Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes